



# A orientação profissional (OP) como elo entre a universidade e a escola

## *Professional guidance as link between university and school*

Mariita Bertassoni da Silva<sup>[a]</sup>, Rafaela Roman de Faria<sup>[b]</sup>, Isabel Cristina de Abreu Fochesato<sup>[c]</sup>

### Resumo

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a experiência desenvolvida em um programa de extensão de uma universidade particular, da cidade de Curitiba, tendo como enfoque principal a Orientação Profissional (OP), na modalidade clínica como proposta por Bohoslavski (1987). O trabalho foi desenvolvido por três psicólogas, durante os anos de 2009 e 2010. Em dois anos foram atendidos 121 estudantes. As escolas tinham autonomia para estabelecer critérios para a participação dos alunos no programa, e cada escola tinha um número de vagas pré-estabelecido, o que, por sua vez, dependia do número de escolas parceiras. A participação no processo da OP era voluntária e gratuita. Os alunos cursavam primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio e possuíam idade entre 15 e 20 anos. Foram realizados dez encontros com cada grupo, ou indivíduo, e em todos desenvolvidas atividades que propiciassem autocohecimento e conhecimento da realidade profissional. Como resultado verificou-se que mais de 50% dos estudantes que concluíram o processo de OP, aumentaram a maturidade em relação a escolha profissional. Esses resultados foram constatados pelo levantamento da Escala de Maturidade para Escolha Profissional, que foi aplicada no início e fim do processo de OP. Além desse resultado quantitativo, puderam-se coletar respostas qualitativas que indicaram a eficácia do trabalho realizado.

**Palavras-chave:** Universidade. Escola. Orientação profissional.

### Abstract

*The present work aims to present the experience developed in an extension program of a particular university in the city of Curitiba, having Professional Guidance (OP) as the main approach in the clinical modality as proposal for Bohoslavski (1987). The process was developed by three psychologists, during the years of 2009 and 2010. In two years 121 students were accompanied. The schools had been given autonomy to establish criteria for the participation of the students in the program, and each school had a pre-set number of vacancies, what in turn, depended on the number of schools in the partnership. Participation in the process of the*

<sup>[a]</sup> Psicóloga, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), orientadora profissional, associada à ABOP, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: mariitabertassoni@hotmail.com

<sup>[b]</sup> Psicóloga, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), orientadora profissional, associada à ABOP, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: oprafaela@hotmail.com

<sup>[c]</sup> Psicóloga, Especialista em Psicologia Analítica na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), orientadora profissional, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: isabelfochesato@terra.com.br

Recebido: 26/07/2011  
Received: 07/26/2011

Aprovado: 12/10/2011  
Approved: 10/12/2011

*OP was voluntary and with no cost. The students were attending from first to third year of High School, ages ranging from 15 to 20 years old. Ten meetings were held with each group, or individual, and activities were developed in all of them that propitiated self-knowledge and knowledge of the professional reality. As result, it was verified that over 50% of the students, who had concluded the OP process, had their maturity increased in relation to the professional choice. Those results were evidenced by the Maturity Scale Survey for Professional Choice that had been applied at the beginning and the ending of the OP process. Besides this quantitative result, qualitative answers could be collected that had indicated the effectiveness of the work performed.*

**Keyword:** University. School. Professional guidance.

Este trabalho tem por finalidade apresentar a experiência desenvolvida em um programa de extensão criado por uma universidade particular, confessional e filantrópica da cidade de Curitiba, estado do Paraná, região Sul do Brasil, tendo como enfoque principal a Orientação Profissional (OP) na modalidade clínica, como proposta por Bohoslavski (1987). O programa denominado "Aliança Educativa" tinha como objetivo a parceria entre universidade e escolas de ensino médio, públicas e privadas, visando por um lado aumentar a visibilidade da instituição de ensino superior para a comunidade, e por outro possibilitar o acesso a um trabalho psicoprofilático de boa qualidade, aumentando as chances de o jovem construir uma carreira de sucesso e de conquistar realização pessoal e profissional.

O trabalho conjunto entre o orientador profissional e os atores das instituições de ensino superior têm se revelado uma estratégia vantajosa de aproximação com os estudantes do ensino médio. A necessidade desta parceria é evidente, pois traz benefícios tanto para os futuros universitários quanto para os professores das universidades que por vezes mencionam a imaturidade dos alunos recém-ingressos. (Valore, 2003).

No Brasil, a escolha profissional geralmente se dá na adolescência, muitas vezes, precocemente e sem uma preparação ao longo do percurso escolar para realizá-la (Dias & Soares, 2009). Para o jovem, que se depara com a necessidade de escolher um curso de preparação profissional ou mesmo ingressar no mercado de trabalho, pode tornar-se difícil escolher, uma vez que essa decisão pode acarretar sérias implicações para o futuro (Moura, 2008).

Muitas vezes, a escolha profissional significa a inserção no mundo adulto (Soares, 2002). Ou seja, o jovem decidirá quem será ou não, escolherá o rumo da sua vida, a partir das decisões que tomar acerca da escolha profissional (Mahl, Soares & Neto, 2005).

O conceito de trabalho existe desde o início das sociedades, no entanto a possibilidade de escolhê-lo é um problema relativamente recente, pois antes os ofícios eram determinados pela camada social ou pela família (Moura, 2008). Com o aumento dos processos de industrialização e de intercâmbio comercial criaram-se formas diversas de trabalho e ofícios, aparecendo, então, a necessidade e possibilidade de escolha (Neiva, 1995). O que exige preparo e se torna um desafio diante do cenário de vastas ofertas (Dias & Soares, 2009).

A escolha profissional não depende de uma única variável, portanto, é multifatorial. Vários fatores influenciam na maior ou menor "qualidade" da escolha e no tipo de vínculo que o sujeito vai desenvolver com o seu objeto de trabalho. Dentre eles podem-se citar: os políticos, os econômicos, os sociais, os educacionais, os familiares e os psicológicos. Os fatores políticos estão relacionados com a política governamental e seu posicionamento perante a educação; os fatores econômicos referem-se ao mercado de trabalho, à empregabilidade, às profissões, à globalização e a todas as consequências do sistema capitalista, e os fatores sociais dizem respeito à divisão da sociedade em classes sociais. Já os fatores educacionais compreendem o sistema de ensino brasileiro, a família assume um papel importante no processo de impregnação da ideologia vigente; os aspectos psicológicos referem-se aos

fatores determinantes no momento da escolha e também à desinformação do indivíduo que escolhe (Soares, 2002).

Um dos fatores da escolha profissional é a maturidade vocacional, descrita por Super e Thompson (1979) como a facilidade para realizar escolhas. A escolha profissional madura pode ser vista como um processo, no qual características pessoais e profissionais devem ser analisadas de forma a constituírem critérios consistentes de avaliação numa tomada de decisão (Moura, 2005). A pessoa que desenvolve a maturidade para escolha profissional apresenta comportamentos que facilitarão o desenvolvimento de sua trajetória ocupacional. Ela consegue perceber as conseqüências e assumir os ganhos e as perdas de sua decisão (Melo-Silva, Oliveira, Coelho, 2002; Silva & Jacquemin, 2001).

O modelo clínico processual de OP, pressupõe a possibilidade do desenvolvimento desta maturidade. Independente da linha teórica assumida, o conceito de Orientação Profissional (OP) pode ser descrito como um processo de ajuda que apresenta os seguintes objetivos: orientar o indivíduo para que este reflita sobre as influências na (re)escolha da carreira, desenvolver o autoconhecimento, ampliar o conhecimento sobre a realidade do mundo do trabalho, auxiliar na solução das dificuldades presentes ao encarar a escolha. (Bohoslavsky, 1987; Lucchiari, 1993; Mouta & Nascimento, 2008; Muller, 1988; Neiva, 1995; Ribeiro, 2003; Soares, 1987).

Ou seja, o processo de OP, que pode ser desenvolvido na modalidade individual ou em grupo, pode auxiliar o orientando a realizar sua escolha com mais autonomia e maturidade. Pode-se dizer que o objetivo geral do processo é auxiliar na solução das dificuldades que se enfrenta ao encarar questões relacionadas à escolha profissional e ao desenvolvimento da carreira.

Algumas pesquisas, baseadas na realidade brasileira, indicam que apenas 5% dos jovens que ingressam em um curso superior têm certeza de sua escolha (Avancini, 1998; Zanella, 1999). Segundo Soares (1993, p. 12), "25% a 30% dos alunos que ingressam nas diversas universidades públicas brasileiras já haviam iniciado anteriormente outro curso superior, do qual se afastaram...". Silva (2003, p. 314) indica que somente 12% de um total de 357 estudantes universitários primeiranistas haviam realizado algum tipo de trabalho orientador para a escolha da carreira, e acrescenta: "Dados ... indicam

a necessidade premente de mobilização de orientadores profissionais, professores e acadêmicos *seniors* com o intuito de popularizar a Orientação Profissional como atividade ampla e acessível a todos..". (Silva, 2003, p. 314).

Tendo em vista esses pressupostos, quando do convite da universidade para a efetivação do programa de parceria com as instituições de ensino médio, as profissionais convidadas aceitaram o desafio de tornar metodologicamente viável a parceria proposta, tendo como elo de ligação a oferta da Orientação Profissional. O trabalho foi então desenvolvido por três psicólogas, autoras desse ensaio, durante os anos de 2009 e 2010.

As profissionais foram contratadas especificamente para responder tecnicamente pela oferta da OP, tendo a coordenadora do mesmo apresentado previamente a proposta de intervenção para os responsáveis administrativos do programa. A proposta continha a especificação do objetivo, a metodologia de trabalho, as modalidades previstas (grupal e individual), a duração, o número de participantes por grupo, o material a ser adquirido, o investimento com a remuneração dos profissionais, assim como o espaço físico necessário para o andamento do trabalho. Após aprovada a proposta, foi firmado contrato para a prestação de serviço. As profissionais reuniram-se semanalmente para discussão e supervisão das questões técnicas e administrativas, durante todo o desenrolar do projeto. Ao setor de *marketing* da universidade ficou designada a tarefa de firmar as parcerias com os gestores das escolas que desejavam aderir ao projeto, de informar aos alunos sobre a proposta de OP e de passar às psicólogas a listagem dos possíveis orientandos para o agendamento da entrevista inicial, à qual deveriam comparecer acompanhados pelos pais ou responsáveis.

Em dois anos foram atendidos 121 estudantes, sendo 55 no ano de 2009 por meio de cinco grupos, e um atendimento individual, e em 2010 foram desenvolvidos seis grupos somando 64 clientes, mais dois atendimentos individuais. Os orientandos eram provenientes de escolas públicas e privadas, que realizaram a parceria com a universidade, estas localizadas em diferentes regiões da cidade e também em municípios vizinhos. Vale aqui relatar que os componentes de dois dos grupos realizados eram provenientes de uma escola de outro Estado, tendo contratado uma van para transportá-los semanalmente durante a duração do processo de OP. As escolas

tenham autonomia para estabelecer critérios para a participação dos alunos no programa, e cada escola tinha um número de vagas preestabelecido, o que, por sua vez, dependia do número de escolas parceiras. Ressalte-se que a participação no processo da OP era voluntária e gratuita. Os alunos cursavam primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio e possuíam idade entre 15 e 20 anos. Foram realizados dez encontros com cada grupo, sendo o primeiro e o último individual e em todos desenvolvidas atividades que propiciassem autoconhecimento e conhecimento da realidade profissional.

A modalidade grupal foi priorizada, os grupos foram constituídos por estudantes com idades cronológicas diversas e provenientes tanto de escolas públicas quanto particulares, favorecendo a troca de experiência e superação de preconceitos e estereótipos.

Para Lucchiari (1993, p. 13-14) o trabalho com grupos alcança melhores resultados por diversos motivos:

é próprio do adolescente o convívio com grupos e turmas. É importante, no momento em que ele está buscando a sua identidade, sentir-se igual aos outros. Para poder se diferenciar de seu grupo familiar, ele precisa sentir-se pertencente a outro grupo; há possibilidade de compartilhar sentimentos de dúvida, confusão e insegurança em relação à escolha profissional e o futuro; cada participante do grupo é um facilitador; pois a sua possibilidade de entender o outro e poder expressar como o percebe auxiliam no conhecimento que cada membro busca de si mesmo.

Considerando o público-alvo do programa e os critérios de seleção dos participantes utilizados pelas escolas, a equipe técnica achou por bem que o atendimento individual ficasse restrito aos alunos que apresentavam real impossibilidade de participar dos grupos, graças a compromissos de trabalho. A modalidade individual também contou com dez encontros totais.

Algumas dificuldades práticas iniciais ocorreram no decorrer da experiência proposta, como por exemplo, falta de clareza nas informações dadas pelo pessoal do *marketing* aos alunos nas palestras iniciais sobre a proposta da aliança; interpretação equivocada pelas coordenações das escolas parceiras sobre os requisitos necessários para a realização do enquadre e contrato de trabalho técnico,

informações incompletas sobre dias dos encontros ou período de duração do processo, obrigatoriedade da presença dos pais e/ou responsáveis no primeiro contato oficial; falta de dados como sobrenome e telefone de contato dos futuros orientandos. Estas dificuldades provocaram contratempos operacionais iniciais, que foram esclarecidos e superados na continuidade do processo.

As técnicas utilizadas, tanto individual como grupal, contemplaram atividades lúdicas, testes, dramatizações, técnicas projetivas e técnicas não estandarizadas, dentre as quais: entrevista semidirigida, Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP (pré e pós-processo), Significado do Próprio Nome, Apresentação por meio de Objetos Significativos, Gosto e Faço, Árvore Genealógica Profissional, Atividades que faria sentindo-se bem, Questionário com pessoas significativas, Critérios para a Escolha Profissional, R-O (Realidade Profissional ou Rol de Ocupações), Questionário de Avaliação Tipológica (QUATI), Pesquisa sobre profissões, Vantagens e Desvantagens das profissões, Profissiogame, Roteiro de entrevista com profissionais, BPR-5 e Carta de despedida.

As técnicas utilizadas neste programa servem tanto para processos individuais quanto grupais. As autoras concordam com dados da literatura da psicologia vocacional a qual preconiza que:

as diferentes técnicas embasadas na abordagem teórica utilizada poderão ser adaptadas às questões emergentes no processo de Orientação Profissional. É preciso esclarecer, preliminarmente, que não consideramos a existência de técnicas grupais e técnicas individuais por excelência. O que existe, em nossa compreensão, é todo um conjunto de técnicas, as quais se adequam mais a uma ou outra forma de trabalho. Grosso modo podemos dizer que qualquer técnica utilizada nos grupos pode ser adaptada para a utilização individual e vice-versa, cabendo ao profissional avaliar essa adequação ao lançar mão do instrumental técnico para viabilizar seu trabalho (Soares & Krawulski, 2002, p. 293).

Além das técnicas foi realizado um *tour* guiado pelos principais setores da Universidade, em que os orientandos podiam trocar ideias com professores e alunos de diferentes cursos. Complementando as atividades propostas, ainda houve a participação dos estudantes na Feira de Profissões, realizada pela Universidade, com exposição em estandes de todos

os cursos, os quais eram apresentados por professores e alunos de diferentes períodos. Valore (2003, p. 324) afirma que as visitas às Universidades contribuem para “a promoção de um maior conhecimento acerca dos aspectos operacionais que regem a vida acadêmica [...]. Acrescenta ainda “... e para o reconhecimento das representações imaginárias que sustentam os modos de relação dos orientandos com o universo acadêmico”.

Analisando os resultados obtidos ao fim da experiência verificou-se que mais de 50% dos estudantes, que concluíram o processo de OP, aumentaram a maturidade em relação a escolha profissional. Esses resultados foram constatados pelo levantamento da Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP), que foi aplicada no início e fim do processo de OP, naqueles estudantes que permaneceram durante toda a atividade.

Elaborada e validada por Neiva (1999), essa escala mede a maturidade para a escolha profissional e é composta de cinco subescalas: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da Realidade Educativa e Socioprofissional. É uma escala de tipo *Likert*, com cinco modalidades de resposta, composta de um total de 45 itens. Sua validade e fidedignidade foram comprovadas por meio dos seguintes procedimentos: análise fatorial, *alfa de Cronbach* e análise discriminativa com relação às variáveis de natureza temporal – idade e série escolar (Neiva, 1998, 1999). Além disso, sua validade foi também comprovada por meio de um estudo feito com 45 indivíduos submetidos a um processo de orientação profissional, nos quais a escala foi aplicada antes e após o processo, sendo detectado um aumento significativo do nível de maturidade após a orientação profissional (Neiva, 2000). As normas da EMEP são expressas em Percentil e existem Tabelas de correção por série e tipo de escola. Cada uma das subescalas do instrumento será analisada por meio dos escores totais. Vale mencionar que este instrumento é de uso exclusivo dos psicólogos e recebeu parecer favorável da Comissão do Conselho Federal de Psicologia, conforme Resolução CFP n. 002/2003 ([www.pol.org.br](http://www.pol.org.br)), o que confirma suas qualidades psicométricas.

A Tabela 1, aqui representada, indica as médias dos resultados obtidos pelos orientandos, pré e pós processo de OP, de cada um dos fatores da EMEP.

**Tabela 1** - Comparativa: média das EMEPs pré e pós OP 2009/2010

Fatores	Média dos resultados Pré OP	Média dos resultados Pós OP	Diferença
<b>Determinação</b>	18,85%	41,34%	22,49%
Responsabilidade	43,43%	68,69%	25,26%
<b>Independência</b>	39,34%	33,74%	-5,59%
Autoconhecimento	26,46%	45,34%	18,88%
<b>Conhecimento da Realidade Profissional/Educativa</b>	30,89%	61,92%	31,03%
Maturidade Total	23,89%	46,07%	22,18%

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à Determinação observa-se diferença de 22,49 pontos percentuais entre as médias inicial (18,85%) e final (41,34%), denotando que os orientandos aumentaram sua segurança em relação à escolha. Quanto à Responsabilidade, que mostra o quanto o orientando se responsabiliza pela escolha e empreende ações para a efetivação da mesma, percebe-se o aumento de 25,26 pontos percentuais. No fator Independência, os orientandos obtiveram resultado negativo (-05,59), ou seja, retrocederam em sua autonomia em relação à escolha, indicando sofrer influência de seus pares /outros quanto à escolha profissional. A hipótese levantada pela equipe quanto a este dado é a de que a convivência grupal favoreceu a troca de opiniões, o que necessariamente não é em si um dado negativo, já que o grupo verbalizou que os encontros contribuíram para ampliar suas percepções quanto à existência de influências familiares, econômicas, sociais e dos pares nas suas escolhas. Referente ao Autoconhecimento, que indica quanto o orientando conhece de suas características pessoais, seus gostos, inclinações, interesses, valores e habilidades, verifica-se aumento de 18,88%. No aspecto Conhecimento sobre a Realidade Educativa e Profissional também observa-se aumento em 31,03%, o que indica que

os orientandos desenvolveram conhecimentos relativos a essas duas áreas. E, finalmente, no fator Maturidade Total, que é uma síntese de todos os fatores anteriores, vê-se diferença de 22,18 pontos percentuais, (de 23,89% para 46,07%).

Além desse resultado quantitativo, puderam-se coletar respostas qualitativas sobre o processo, relatadas pelos orientandos na técnica “Carta de Despedida”, indicando a eficácia do trabalho realizado. Dentre os depoimentos apresentamos o conteúdo de alguns mais representativos.

M., 17 anos – 2ª série: “O ‘curso’ me ajudou a conhecer um pouco mais de mim, e perceber o que mais combina com a minha personalidade. Eu ainda não tenho certeza do curso que vou seguir, mas acho que já estou no caminho certo para a minha escolha...”

S., 17 anos – 3ª série: “Hoje estou me despedindo da OP! Durante o tempo que fiz parte da Orientação pude amadurecer as minhas ideias, ter um pouco da visão do mercado de trabalho. Tive a certeza de muitos cursos que não combinam comigo e também pude perceber que eu não me conhecia tão bem quanto eu achava. Tive a experiência do autoconhecimento pelas atividades que realizamos”.

B., 14 anos – 1ª série: “O trabalho que realizamos me abriu os olhos para novos empregos, que até então eram desconhecidos para mim. Descobri que os empregos que irei escolher um dia, tem ligação com o meu dia a dia e até com as brincadeiras que eu fazia quando era menor! Não sabia que para escolher meu futuro também tinha que prestar atenção nas minhas atitudes!”.

E., 15 anos – 2ª série: “Se a incerteza está por perto, um bom orientador pode te ajudar; dinâmicas e exercícios variados, esforço e muita compreensão é o que você vai precisar, mas no fim quem escolhe é você, porque quem se conhece sabe o que quer!”.

J., 16 anos – 2ª série: “... vim para o ‘curso’ achando que seria legal conhecer outras profissões, mas o mais legal foi me conhecer. É realmente assustador o quanto nossas escolhas falam sobre nós! Não tenho palavras para dizer o quanto essa experiência foi positiva para mim. Serei eternamente grata ao meu grupo e à minha psicóloga. Sentirei falta de um lugar onde aprendi a me importar mais comigo sem deixar de respeitar o outro...”.

C., 20 anos – 3ª série: “Querida amiga, escrevo para te contar um pouco da experiência que passei participando de um projeto de OP onde adquiri conhecimento tanto da profissão que irei atuar como sobre várias

outras. Achei tudo muito interessante. Bem legal também foi fazer novas amizades onde ríamos muito e aprendemos uns com os outros. Muito bom também foram as pesquisas sobre autoconhecimento. Estou muito satisfeita com esse projeto, pois ele me ajudou a ter mais certeza da profissão que irei exercer”.

A., 16 anos – 3ª série: “O processo de orientação profissional foi muito importante no meu processo de escolha, agradeço por toda dedicação dos profissionais envolvidos”.

L., 16 anos – 3ª série: “Primeiramente eu gostaria de agradecer pela oportunidade que tive de ter o convívio da OP. Com certeza os encontros ajudaram muito para esclarecer as coisas, proporcionaram autoconhecimento, também me direcionou como eu devo pensar sobre a profissão que vou escolher (me ver dentro da profissão)”.

B., 16 anos – 3ª série: “Acho que a OP me ajudou muito, a me conhecer melhor, e também com as matérias de que mais gosto, cursos e histórias que surgiram”.

A.L., 16 anos – 3ª série: “Eu gostei muito da OP. Especificou muitas dúvidas que eu tinha. Apesar de eu ainda não saber qual curso eu vou fazer, gostei de muitos cursos, mudei de opinião várias vezes. A OP me ajudou por que exclui alguns cursos da minha lista, adicionei outros, mas tenho quase definido o que quero fazer”.

G., 16 anos – 3ª série: “O curso foi muito bom, pois me ajudou muito na minha escolha profissional, reduzindo minhas opções a apenas dois cursos. Além da parte da pesquisa aos cursos, houve também um contato visual e físico com os cursos, o que entusiasmou o pessoal. Esse conhecimento aprofundado dos cursos fez com que eu imaginasse minha atuação em certas áreas, o que também proporcionou a maior facilidade na escolha. O método que o curso é feito proporciona novas amizades, o que é muito bom, pois os outros podem compartilhar suas experiências”.

B., 16 anos – 3ª série: “Adorei de verdade o grupo, foi uma experiência bem diferente. Conviver com pessoas novas e com elas poder criar um vínculo de amizade, foi um ponto super positivo. Além de tudo conhecer profissões das quais eu nunca tinha ouvido falar, aprofundar meus conhecimentos em algumas que eu já conhecia, e melhor de tudo ter mais opções para escolher a profissão que irá decidir meu futuro. A escolha da profissão é uma coisa muito difícil para nós que estamos nessa idade, então todas as informações que vierem é lucro. A OP abriu novos horizontes para mim”.

## Considerações finais

A vida é feita de escolhas, e escolher é uma tarefa que pode ser aprendida, desde que haja comprometimento e desejo. Para mediar e facilitar essa aprendizagem, e não para tomar para si uma responsabilidade e um direito que é somente do próprio sujeito, a Psicologia oferece às pessoas que estão *pré-ocupadas* com a questão da escolha de uma profissão ou ocupação, o Processo de Orientação Profissional na modalidade clínica (OP).

Vista pelos leigos, ainda hoje de forma **equivocada**, como uma atividade no qual o orientador diz ao sujeito “*para que ele serve*”, nos últimos anos a OP tem se desenvolvido de forma significativa, podendo ser considerada como uma área de atuação independente de outros ramos da Psicologia, tais como a Psicologia Organizacional e a Psicologia Escolar/Educacional, às quais anteriormente se ligava como uma das técnicas ou estratégias de intervenção relacionadas à seleção de pessoal, ou como parte integrante das modalidades do trabalho do psicólogo escolar/educacional. É claro que ainda pode-se utilizar a OP dentro dessas possibilidades, porém é de consenso dos especialistas contemporâneos que a OP não se restringe apenas a uma técnica auxiliar, haja vista que possui na atualidade um corpo teórico e técnico que são específicos desta abordagem e que ampliam o alcance da área como uma especialidade, exigindo do profissional que a ela se dedica o mesmo tipo de preparo e engajamento político, quanto qualquer das outras áreas da Psicologia.

A partir dessa perspectiva, é primordial reafirmar a importância e o papel social da Orientação Profissional oferecida dentro das universidades, como um processo psicoprofilático que pode favorecer o desenvolvimento da maturidade vocacional. Esta, por sua vez, oportuniza alunos melhor resolvidos quanto ao curso a seguir; a ocupação a desempenhar para a carreira futura, diminuindo os custos financeiros provenientes da evasão universitária e também os custos emocionais provenientes da insatisfação com a sua “escolha”.

Vale mencionar a relevância da formação teórica, técnica e ética dos orientadores profissionais que desenvolvem esses serviços, mostrando que a OP não é um simples aplicar de testes, mas uma conscientização da subjetividade e da cidadania.

É oportuno também sublinhar a importância do treinamento inicial de todas as pessoas envolvidas

no programa, tais como funcionários da universidade (*marketing* e secretaria do serviço de OP), gestores das escolas parceiras (diretores e coordenadores) e pais e alunos, para que as pequenas “falhas” de informação não prejudiquem o andamento do projeto.

Dentro da parceria cabe à universidade oferecer o serviço e esclarecer seus objetivos; cabe às escolas, por intermédio de seus gestores, aderir, divulgar, incentivar e oportunizar; e cabe aos alunos participar...

O resultado obtido na experiência relatada, qual seja, aumento da maioria dos fatores que propiciam a maturidade vocacional apontam a concretização da aprendizagem para escolha e os benefícios oportunizados às diferentes instâncias envolvidas nesse processo.

Não é somente prudente, mas também traz benefícios econômicos continuar desenvolvendo e estabelecendo Programas de Educação Profissional também no futuro, considerando-se as mudanças nos processos de vida social e no mundo do trabalho. Programas de Educação Profissional contribuem significativamente para a adequada integração social dos jovens no trabalho e na vida como um todo (Jenschke, 2002, p. 30).

Essa citação de Jenschke enfatiza a importância de publicações que relatem experiências na área da orientação profissional, socializando a informação em revistas temático-científicas e contribuindo com o aperfeiçoamento dos psicólogos orientadores profissionais.

## Referências

- Avancini, M. (1998, 13 de maio). Evasão em universidade pública chega a 40%. **Folha de São Paulo**, Caderno Cotidiano, 1.
- Bohoslavsky, R. (1987). **Orientação vocacional: A estratégia clínica**. São Paulo: M. Fontes.
- Dias, M. S. L., & Soares, D. H. P. (2009). **Planejamento de carreira: Uma orientação para estudantes universitários**. São Paulo: Vetor.
- Jenschke, B. (2002). Educação profissional em escolas em uma perspectiva internacional. In R. Levenfus & D. Soares. **Orientação vocacional profissional ocupacional: Novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa** (pp. 23- 31). Porto Alegre: Artmed.

- Lucchiari, D. H. P. S. (1993). **Pensando e vivendo a orientação profissional**. (5a ed.). São Paulo: Summus.
- Mahl, A. C., Soares, D. H. P., & Neto, E. O. (2005). **Programa de orientação profissional Intensivo: Outra forma de fazer orientação profissional**. São Paulo: Vetor.
- Melo-Silva, L. L., Oliveira, J. C., & Coelho, R. S. (2002). Avaliação da orientação profissional no desenvolvimento da maturidade na escolha da profissão. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor**, 3(2), 44-53. Recuperado em 22 out. 2010, em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/09.pdf>
- Moura, C. B. (2005). Fundamentos teóricos e práticos da orientação profissional sob o enfoque comportamental. In M. Lassance, A. Paradiso, M. Bardagi, M. Sparta & S. Frischenbruder. **Intervenção e compromisso social**. (pp. 141-152). São Paulo: Vetor.
- Moura, C. B. (2008). **Orientação profissional: Sob o enfoque da análise do comportamento**. Campinas: Alínea.
- Mouta, A., & Nascimento, I. (2008) Os (novos) interlocutores no desenvolvimento vocacional de jovens: Uma experiência de consultoria a professores. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 9(1). Recuperado em 25 nov. 2010, em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902008000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902008000100008&lng=pt&nrm=iso)
- Muller, M. (1988) **Orientação vocacional: Contribuições clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Neiva, K. M. C. (1995). **Entendendo a orientação profissional**. São Paulo: Paulus.
- Neiva, K. M. C. (1998). Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP): Estudo de validade e fidedignidade. **Revista UNIB**, 6(1), 43-61.
- Neiva, K. M. C. (1999). **Manual: Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP)**. São Paulo: Vetor.
- NEIVA.K.M.C. (2000) EMEP: Escala de maturidade para a escolha profissional. **Psic: Revista de Psicologia**, 1(3), 28-33.
- Ribeiro, M. A. (2003). Demandas em orientação profissional: Um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 4(1-2). Recuperado em 24 out. 2010, em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902003000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100012&lng=pt&nrm=iso)
- Silva, M. B. (2003). Orientação profissional, formação acadêmica e compromisso social. In L. L. Melo-Silva, M. A. Santos, J. T. Simões, & M. C. Avi. (Org.). **Arquitetura de uma ocupação: Orientação profissional: Teoria e prática** (pp. 69-90). São Paulo: Vetor.
- Silva, L. L. M., & Jacquemin, A. (2001). **Intervenção em orientação vocacional/profissional: Avaliando processos e resultados**. São Paulo: Vetor.
- Soares, D. H. P. (1987). **O jovem e a escolha profissional**. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Soares, D. H. P. (1993). **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus.
- Soares, D. H. P. (2002). **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus.
- Soares, D. H. P., & Krawulski, E. Como trabalhar a ansiedade e o estresse frente ao vestibular. (2002). In R. Levenfus & D. Soares. **Orientação vocacional profissional ocupacional: Novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa** (pp. 292-305). Porto Alegre: Artmed.
- Super, D. E., & Thompson, A. S. (1979). A six-scale, two factor measure of adolescent career vocational maturity. **Vocational Guidance Quarterly**, 28, 6-15.
- Valore, L. A. (2003). Para poder escolher, é preciso conhecer: Vivenciando a universidade no processo de orientação profissional – relato de uma experiência. In L. Melo-Silva, M. Santos, J. Simões & M. Avi. **Arquitetura de uma ocupação** (pp. 317-332). São Paulo: Vetor.
- Zanella, S. (1999, 27 ago). Estudantes têm dificuldade em escolher profissão. **Gazeta do Povo – Caderno Local/Educação**, 11.